

Commenda, porque ainda conserva a dupla aselha, o cabo de caneluras e a cabeça de fundição. O gume desapareceu. Aquelle illustrado proprietario salvou-o já nas mãos cupidas de um caldeireiro. Ignora-se o lugar do concelho em que foi encontrado.

Com mais estes dois, ha portanto no Museu Ethnologico quatro machados de dupla aselha, todos da mesma região, e nenhum com indicios de uso. (Vid. *O Arch. Port.*, IV, 241).

FELIX ALVES PEREIRA.

Bibliographia

Numisma celtiberico de modelo helmaticense.— por Pereira-Caldas. Separata da *Revista de Guimarães*, XVIII (1901), 156 seqq.

Decifração plausivel de uma inscripção luso-romana da Citania de Briteiros.— pelo mesmo. Separata da *Revista de Guimarães*, XIX (1902), 157 seqq.

No primeiro dos mencionados trabalhos o Sr. Pereira-Caldas occupa-se do conhecido denario iberico de prata, que tem no anverso uma cara barbada, voltada para a direita, com torques no pescoço, e $\times M$ na nuca; e no reverso um cavalleiro a galope, voltado tambem para a direita, com lança em riste, — sob o qual se lê: $\times M A M$. Esta moeda foi achada em Vizella.

O Sr. Pereira-Caldas, baseando-se no *Ensayo sobre los alphabetos* (das medalhas, etc.) de Velazquez, apparecido á luz nos meados do sec. XVIII, attribue o denario á cidade de Salamanca. Vê-se que o erudito professor bracarense não está ao correr dos ultimos progressos da Numismatica iberica, e que não conhece por consequencia os estudos posteriores a Velazquez. Do contrário, elle não viria renovar explicações que foram ha muito postas de parte.

A moeda de que se trata não é de Salamanca, cidade que não cunhou, que se saiba, moedas ibericas; é de Osca. A legenda do reverso significa, segundo o que em estudos recentes se assentou: *klsthn* (talvez = Celsithani); e as letras do anverso significam *kn*. Veja-se sobre este assunto: Heiss, *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, Paris 1870; Delgado, *Nuevo método*, III, Sevilla 1874, p. 325; Campaner y Fuertes, *Indicador manual*, Madrid-Barcelona 1891, p. 59; Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, Berlin 1893, pp. 52 e 229.

É notavel que o Sr. Caldas cite Lorichs, *Recherches numismatiques*, Paris 1852, dizendo: «Corroboram-se estas decifrações litteraes de Velazquez com outras elaboradas á larga no seculo findo (sec. XIX) e lembrarei apenas a Boudard e bem assim a De Saulcy sem esquecer-se de modo algum o singular numismata Lorichs». Ora Lorichs está em desacôrdo com o Sr. Caldas, pois o que no seu livro se lê é o seguinte: «L'on m'a apporté des milliers de ces deniers il faut voir dans ce groupe l'origine

du célèbre ARGENTVM OSCENSE de Tite-Live, primitivement frappé à Osca¹. De onde me parece que o Sr. Caldas citou o livro sem o meditar.

*

No segundo trabalho não foi mais feliz o Sr. Pereira-Caldas, no meu entender, do que no primeiro.

Refere-se este escrito á inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5594: CORV . . . | ABE . . . | MEDAMVS . . . | CALI, cujas duas primeiras linhas estão incompletas (e não formam *Coruabe*, como vem no *Thesouro da lingua celtica*, de A. Holder, s. v.).

O Sr. Caldas suppõe que a inscripção é religiosa, consagrada ao deus *Abellio*, em dativo *Abellioni*. Este *Abellio* é um deus local dos Pyreneus, e o Sr. Caldas conhece-o da obra, que cita, de Cénac Moncaut, *Histoire des peuples et des états pyrénéens*, t. I, Paris 1860. Todavia ha a este respeito um trabalho mais moderno, e vem a ser: *Inscriptions antiques des Pyrénées*, de J. Sacaze, Tolosa 1892, onde *Abellio* figura a p. 278, etc. De o Sr. Caldas se ter servido de um trabalho antiquado, resultou que nos deu algumas inscripções erradas: assim, por exemplo, em vez de *Boneconise* deve ser *Boneconis f(i)lius*). Alem d'isso decompõe a palavra *Abellio* fantasticamente em *abeie* «rebanho» e *oi* «bom».

As primeiras letras da inscripção interpreta-as o Sr. Pereira-Caldas por CORVITORI, dativo de *corvitor* ou *corbitor*, palavra que elle traduz por «vagador», suppondo-a epitheto do deus *Abellio*.

Quanto á explicação de ABE . . . por *Abellioni*, nada é menos provavel do que isso. Como eu disse acima, *Abellio* é um deus local dos Pyreneus, e não podia pois, salvo uma excepção a que já me referirei, ser adorado ao pé da Citania de Briteiros, a tantas leguas de distancia da séde do culto. Assim como hoje em relação ao S. Torquato, de ao pé de Guimarães, á Senhora da Penha, á Senhora da Abbadia, etc., a devoção popular só se manifesta com fervor nos respectivos santuarios, assim tambem na antiguidade succedia o mesmo em relação ás divindades topicas ou locaes. A excepção a que ha pouco me refiro dava-se quando um devoto ia para fóra da sua patria e levava consigo, por exemplo, a imagem de um deus adorado nella: é assim que na Hespanha se encontrou uma inscripção consagrada ás *matres Aufaniae*, divindades germanicas². No caso presente, porém, mal pôde considerar-se o dedicante do supposto *Abellio* como vindo dos Pyreneus, pois tanto *Medamus* como *Canalus*, que figuram na inscripção com elle, são nomes frequentes na epigraphia do Minho nesta epocha³.

Quanto a *corbitor*, é muito duvidoso tudo o que o Sr. Caldas diz.

Portanto, o trabalho de que estou falando não resolve as dúvidas que pairavam sobre a inscripção; e esta espera ainda por quem a decifre.

J. L. DE V.

¹ *Recherches*, p. 86.—Sem embargo, Lorchs explica a p. 237, de modo fantastico, segundo o seu systema, a legenda da moeda.

² *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5413.

³ *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2402, 2426, 2445, etc.